

Carnavalização no conto “Da Paz”, de Marcelino Freire

Carnivalization in the tale “Da Paz”, by Marcelino Freire

Jaciene Dias da SILVA¹, Josivaldo Custódio da SILVA*

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o conto “Da Paz”, de Marcelino Freire, que mostra de maneira carnavalizada a revolta da personagem em relação à paz. Como referencial teórico para alicerçar este trabalho foram utilizados os fundamentos da carnavalização postulados por Bakhtin (1997; 2013). Para aprofundar essa pesquisa utilizamos os estudos críticos de Discini (2006), Fiorin (2006) e Soares (1993) sobre os aspectos da carnavalização. No decorrer de todo o conto foi possível confirmar há o uso da estética carnavalizada, na qual encontramos a ambivalência de ideias, os lados positivos e negativos se mostram constantes a todo o momento. O lado positivo mostra a liberdade discursiva da personagem em opinar abertamente sobre qual é seu ponto de vista sobre a paz. O lado negativo apresenta a paz de maneira grotesca e irônica. Portanto, o conto apresenta um discurso carnavalizado sobre a paz, contrariando assim a ordem social e moral, como também mostra uma visão ambivalente do mundo, revelando um valor destrutivo, degenerador, mas também regenerador, ou seja, ao mesmo tempo nega e afirma a verdadeira essência da paz.

Palavras-chave: Conto; *Da Paz*; Marcelino Freire; Carnavalização.

ABSTRACT

This article aims to analyze the tale “Da Paz”, Marcelino Freire, which shows carnivalized way the character’s revolt in relation to peace. As a theoretical references to support this work were used the foundations of carnivalization postulated by Bakhtin (1997; 2013). For further information research, we used Discini’s critical studies (2006), Fiorin (2006) and Soares (1993) on aspects of carnivalization. During the entire tale it was confirmed that there is a carnivalized aesthetic, where we find the ambivalence of ideas: the positive and negative sides are constant at all times. The positive side shows the character’s discursive freedom of openly opines about what his view of peace is. The negative one offers peace in a grotesque and ironic way. Therefore, the tale presents a carnivalized discourse about peace, thus contradicting the social and moral order, as well as showing an ambivalent view of the world, revealing a destructive, degenerating, but also regenerating value, that is, at the same time it denies and affirms true essence of peace.

Keywords: Tale; “Da Paz”; Marcelino Freire; Carnivalization.

¹ Universidade de Pernambuco (UPE) – *Campus* Mata Norte.

* E-mail: josivaldo.silva@upe.br

INTRODUÇÃO

Com este trabalho, propomos uma análise do conto “Da Paz” que faz parte do livro *Rasif: mar que arrebenta*, de Marcelino Freire (2008). O conto “Da Paz” é um texto literário que possui um discurso de caráter oral, inclusive com a presença de elementos carnavalizados sobre a paz. No decorrer das análises foi possível encontrar características da estética carnavalesca, na qual o narrador ironiza, insulta, utiliza uma linguagem grosseira para se referir à paz, pois, na realidade, a estética carnavalizada está presente em várias obras literárias de diversos gêneros desde a poesia, prosa e teatro.

No conto analisado encontramos características que são pertencentes ao carnaval, como simbologias, linguagem própria do discurso oral, familiar e grosseira. No conto o narrador mostra nova opinião sobre a paz, contrariando a ordem social e moral estabelecida pelo estado e a igreja. Ele mostra a paz às avessas, o que é bonito ele mostra como feio, e o que é horrível ele mostra como belo. Surge, assim uma concepção relacionada à paz fora dos padrões estabelecidos pela sociedade. Assim como no carnaval, em que o vocabulário era cheio de grosserias e expressões injuriosas, no conto o narrador utiliza expressões grosseiras como “bosta” para se referir à paz, aqui em uma clara relativização sobre a importância da paz.

A partir desses aspectos, a problemática que deu origem à análise do conto foi: de que forma a carnavalização está presente no conto “Da Paz”, de Marcelino Freire?

O que levou ao desenvolvimento deste tema foi a observação de que ainda há poucos estudos relacionados aos contos de Marcelino Freire, principalmente sob a perspectiva da teoria da carnavalização.

No conto analisado encontramos vários elementos da carnavalização, como a degeneração e regeneração, a ambivalência de ideias a partir da qual o lado positivo e negativo se faz presente, vocabulário familiar, entre outros. Por meio dos elementos da carnavalização, o narrador carnavaliza a paz quando induz o leitor a acreditar que ela é má, mostrando uma nova concepção de paz que as pessoas não estão acostumadas a ver. O lado bonito que é idealizado pela sociedade é deixado para trás, o que é mostrado é a realidade que poucos conseguem enxergar. Outro elemento importante mostrado no conto é a ousadia do narrador, a liberdade que ele tem de falar e mostrar a sua nova ideologia acerca da paz.

O artigo é dividido em quatro partes: a primeira é a introdução; a segunda é a parte teórica que faz um breve comentário acerca da teoria da carnavalização, postulada por Bakhtin (2013), a qual utilizamos como aporte teórico para todo nosso estudo, além dos estudos críticos de Burke (1989), Discini (2006), Fiorin (2006) e Soares (1993); a terceira é a análise do conto, ou seja, a aplicabilidade da teoria, na qual reforçamos através dos pressupostos teóricos e críticos a presença dos elementos da estética carnavalizada como: a ambivalência de ideias, a regeneração e a degeneração, o vocabulário grosseiro e familiar, a liberdade universalizante, etc.; e a quarta e última parte apresenta as considerações finais.

BREVE COMENTÁRIO SOBRE A TEORIA DA CARNAVALIZAÇÃO

O carnaval é uma festa popular que surgiu basicamente na antiguidade através das comemorações relacionadas à fertilidade. A origem desta festa está ligada à civilização egípcia tendo em vista que povos desta época ofereciam cultos a deusa Ísis, que era protetora da natureza, e a Osíris, seu esposo. Para homenagear esses deuses, os povos antigos se reuniam e por meio de danças, festejavam o crescimento e amadurecimento dos frutos. Posteriormente, esses festejos foram se propagando e incorporados por outros povos de outras épocas aos seus rituais religiosos recebendo o nome de carnaval. Com relação à origem da palavra “carnaval”, Soares diz o seguinte:

Lembremos que carnaval (de carne + vale), significando “adeus à carne”, era a festa da despedida, da explosão e da afirmação da carne antes da abstinência (quaresma), o que conduzia a todo tipo de liberação, de excesso e de eliminação das barreiras sociais, de idade e de sexo. Assim vivida na Idade Média, vai-se descaracterizando esta festa, que vem deixando suas marcas na literatura. (SOARES, 1993, p. 72).

Era nestas comemorações que as pessoas viviam o momento de plena liberdade, sem qualquer limite. Era um momento universal, libertário, e que daria, posteriormente, para o momento sacro. Discini complementa a respeito do carnaval afirmando:

[...] Bakhtin observa como característico o fato de que desde a segunda metade do século XIX estudiosos alemães identificaram a origem alemã da palavra carnaval, “que teria a sua etimologia de Karne ou Karth, ou ‘lugar santo’ (isto é, a comunidade pagã, os deuses

e seus servidores) e de val (ou wal) ou ‘morto’, ‘assassinado’”. (DISCINI, 2006, p. 55, grifos da autora).

Como se pode observar, há outros conceitos para a palavra carnaval. Bakhtin em seus estudos descobre que os alemães encontraram uma definição própria de sua terra para a referida palavra. Segundo a tradição alemã havia um desfile dos deuses mortos, cujo cortejo representava a busca da purificação de suas almas. Esse ritual acontecia durante o ano novo na Idade Média e essas práticas foram unificadas às capitalistas, sofrendo algumas modificações.

O carnaval possui características originais, algumas perpetuadas até os dias atuais, outras foram sendo esquecidas ou substituídas. Os festejos carnavalescos na Idade Média se opunham à seriedade da Igreja e do Estado. Enquanto as festas religiosas e as do estado eram pautadas em tom sério, as populares possuíam um estilo cômico. Esses festejos mostravam uma nova visão de mundo às pessoas, era algo extraoficial, criava-se um segundo mundo dirigido pela lei da liberdade. Fato é que, por meio da carnavalização, as pessoas procuravam representar a própria vida, não havia fronteiras entre a arte e a vida. Fiorin (2006, p. 89) diz: “a carnavalização é a transposição do espírito carnavalesco para a arte”. O carnaval era uma festa para todo o povo, e como tal, deveria ser vivenciada. Não existia separação de cor, raça, posição social, eles viviam o carnaval intensamente. Bakhtin afirma que:

[...] durante o carnaval é a própria vida que representa, e por certo tempo o jogo se transforma em vida real. Essa é a natureza específica do carnaval, seu modo particular de existência. O carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. É a sua vida festiva. A festa é a propriedade fundamental de todas as formas de ritos e espetáculos cômicos da Idade Média. (BAKHTIN, 2013, p. 7).

As pessoas viam nos festejos do carnaval a única oportunidade de mostrar o lado mais intrínseco da realidade, ou seja, aquele mais subversivo que jamais poderia ser mostrado cotidianamente. Elas procuravam viver aqueles dias como se fosse seu modo próprio de vida. Elas se desprendiam do mundo moralista, ético, sério para viver, mesmo que por poucos dias, a alegria, a brincadeira, o grotesco, e as demais coisas que a folia poderia proporcionar. Era preciso viver e aproveitar enquanto estava acontecendo. O carnaval tinha a característica de suspender a vida do povo, as pessoas viviam às avessas como forma de burlar a vida determinada pela Igreja e pelo Estado. Não havia regra, valores morais e políticos, era um escape momentâneo da vida

dominante. Nesses momentos carnavalescos se fazia uma paródia da vida. Bakhtin (2013, p. 10) afirma que: “A segunda vida, o segundo mundo da cultura popular constrói-se de certa forma como paródia da vida ordinária, como um ‘mundo ao revés’”. Da mesma maneira a linguagem não seguia as etiquetas, o vocabulário era familiar, particular e grotesco. Criou-se uma linguagem típica nas épocas de carnaval. Bakhtin observa:

Em consequência, essa eliminação provisória, ao mesmo tempo ideal e efetiva, das relações hierárquicas entre os indivíduos, criava na praça pública um tipo particular de comunicação, inconcebível em situações normais. Elaboravam-se formas especiais do vocabulário e do gesto da praça pública, francas e sem restrições, que aboliam toda a distância entre os indivíduos em comunicação, liberados das normas correntes da etiqueta e da decência. Isso produziu o aparecimento de uma linguagem carnavalesca típica [...]. (BAKHTIN, 2013, p. 9).

Bakhtin (2013) faz referência aos símbolos e à linguagem utilizada nos períodos de carnaval, afirmando que, através de anos de transformação, o carnaval da Idade Média deu origem a uma linguagem particular, rica em expressões e símbolos, capazes de transmitir a percepção carnavalesca do mundo e do povo. Esses símbolos carnavalescos, que estão atrelados à linguagem, estão cheios do lirismo alternado e da renovação, da noção de que a alegria é relativa. Possui como característica própria a ideia de que as coisas estão “às avessas”, “ao contrário”. As trocas constantes do alto e do baixo, a da face e do traseiro, as diversas formas de “paródias, travestis, degradações, profanações, coroamentos e destronamentos bufões” são expressões constantes do modo grotesco como o festejo era vivido. Esses aspectos demonstram como os festejos carnavalescos da Idade Média trouxeram vários elementos importantes para a concretização do carnaval.

Por meio dos símbolos e da linguagem pertencentes ao carnaval, o homem procura mostrar o mundo de maneira cômica, por meio do riso. O riso festivo é bastante peculiar e parte fundamental do carnaval, pois o mesmo é patrimônio do povo, e atinge principalmente aquelas pessoas que participam desta festividade. O objetivo do riso é de divertir o povo, é uma forma de fazer com que as pessoas esqueçam os problemas do dia a dia. Segundo Bakhtin:

[...] todos riem, o riso é "geral"; em segundo lugar, é universal, atinge a todas as coisas e pessoas (inclusive as que participam do carnaval), o

mundo inteiro parece cômico e é percebido e considerado no seu aspecto jocoso, no seu alegre relativismo; por último, esse riso é ambivalente: alegre e cheio de alvoroço, mas, ao mesmo tempo, burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente. (BAKHTIN, 2013, p. 10, grifo do autor).

O festejo de carnaval não é apenas assistido pelo público, mas principalmente vivido. A folia não é somente um espetáculo, é uma manifestação popular na qual não havia barreiras, empecilhos, o contato entre as pessoas é livre, todos são iguais. Isto acontecia na Idade Média e no Renascimento, mas aos poucos esse modelo de festa foi perdendo sua essência. Os carnavais atualmente não são como os de antigamente, pois ocorreram modificações. No entanto, o carnaval em algumas cidades, como por exemplo, na cidade de Vicência-PE e a cidade de Olinda-PE, se assemelham aos festejos carnavalescos daquele período por causa do contato livre e familiar. Nestas cidades, predomina o carnaval de rua, não há divisões, as questões sociais são esquecidas, todos se juntam, não há separação social. As pessoas se misturam num ritmo frenético ao som do frevo e das orquestras, com o principal objetivo de viver aquele momento sublime e divertido. A diversão, o riso e o cômico traduzem a beleza destes carnavais.

Em contrapartida o carnaval das cidades de Recife, São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, se distanciam dos moldes do carnaval da Idade Média e do Renascimento, em decorrência de algumas alterações incluídas no modelo carnavalesco. O carnaval de Recife é conhecido no mundo inteiro por causa do *Frevo* e do bloco *Galo da Madrugada*, ele é considerado o maior bloco de rua do mundo. Mas, já existem os camarotes caríssimos que separam as pessoas, não havendo o contato livre e, apesar do *Galo da Madrugada* não possuir o famoso “cordão de isolamento”, há separação por conta dos camarotes, a elite fica em local reservado, longe do grande público. Embora esse carnaval possua alguma semelhança com o carnaval da Idade Média, está muito longe de ser totalmente democrático. O carnaval de São Paulo e Rio de Janeiro são conhecidos no país inteiro por causa das Escolas de Samba. Sabemos que para assistir o desfile das Escolas de Samba as pessoas devem pagar para participar, tanto nos camarotes como também nas arquibancadas. Nos camarotes participam pessoas famosas, políticos e empresários. Até mesmo os integrantes das Escolas pagam para desfilarem nas alas nas quais participam membros das escolas, turistas e artistas famosos. Cada escola configura um ambiente apoteótico e que também revela divisão, como os que desfilam no chão – onde há aqueles integrantes que se destacam como a

rainha da bateria, o mestre sala e a porta-bandeira, por exemplo – e os que desfilam nos carros alegóricos, geralmente os artistas. Os privilegiados pagam um preço alto para ficarem nos camarotes ou mesmo recebem convite de empresas milionárias. A massa da população assiste a esta festa pela televisão. Dessa forma, podemos observar que ocorrem diferenças de classes, o festejo não está direcionado para o povo, mas para um pequeno grupo, celebrando a diferença. Por outro lado, sabemos que podem existir nos bairros e periferias das grandes cidades, além das cidades interioranas, tradições carnavalescas que lembrem os carnavais da Idade Média, do Renascimento e da Idade Moderna.

Já em Salvador, além dos camarotes e do cordão de isolamento há os famosos abadá, que são as camisas dos blocos. As pessoas que possuem dinheiro compram e participam da festa dentro do cordão de isolamento e também são protegidas por seguranças particulares. Já os pobres que ficam à margem da sociedade, participam também da festa, mas do lado de fora do cordão, ficando a mercê das brigas, assaltos e todo tipo de violência. Aquela mistura da Idade Média em que todos eram iguais no carnaval não existe nestas cidades. É possível observar que a originalidade do carnaval do Renascimento e da Idade Média não permaneceu até os dias atuais. A essência do carnaval da antiguidade foi perdendo espaço para o chamado “carnaval da segregação”, em que uns têm dinheiro para brincar, outros não.

Nos festejos carnavalescos da Idade Média e do Renascimento, a imagem grotesca do corpo, das pessoas e das coisas era algo constante, demonstrando de forma irônica e cômica tudo às avessas. Bakhtin define como era a presença do grotesco no realismo:

No realismo grotesco, a degradação do sublime não tem caráter formal ou relativo. O “alto” e o “baixo” possuem aí um sentido absoluto e rigorosamente topográfico. O “alto” é o céu; o “baixo” é a terra; a terra é o princípio de absorção (o túmulo, o ventre) e, ao mesmo tempo, de nascimento e ressurreição (o seio materno). Este é o valor topográfico do alto e do baixo no seu aspecto cósmico. No seu aspecto corporal, que não está nunca separado com rigor do seu aspecto cósmico, o alto é representado pelo rosto (a cabeça), e o baixo pelos órgãos genitais, o ventre e o traseiro. O realismo grotesco e a paródia medieval baseiam-se nessas significações absolutas. (BAKHTIN, (2013, p. 18-19, grifos do autor).

A imagem do grotesco na Idade Média está relacionada às necessidades naturais do homem e à vida sexual. Quando Bakhtin se refere ao que é terreno e ao firmamento

faz referência ao que é universal. Este corpo se mistura, sofre transformações é incompleto, não possui forma e nem se adequa aos padrões normais, está sempre pronto para receber as mudanças. É um corpo inacabado, no qual acontece a gravidez, o parto, a velhice, que defeca, urina, etc. É um corpo que se mistura com o mundo e, por ser incompleto, tem a necessidade de se misturar para que ocorra a renovação, sendo no carnaval que se renova. Bakhtin define o que é o carnaval:

É uma forma sincrética de espetáculo de caráter ritual, muito complexa, variada, que, sob base carnavalesca geral, apresenta diversos matizes e variações dependendo da diferença de épocas, povos e festejos particulares. O carnaval criou toda uma linguagem de formas concreto-sensoriais simbólicas, entre grandes e complexas ações de massas e gestos carnavalescos. Essa linguagem exprime de maneira diversificada e, pode-se dizer, bem articulada (como toda linguagem) uma cosmovisão carnavalesca (porém complexa), que lhe penetra todas as formas. Tal linguagem não pode ser traduzida com o menor grau de plenitude e adequação para a linguagem verbal, especialmente para a linguagem dos conceitos abstratos, no entanto é suscetível de certa transposição para a linguagem cognata, por caráter completamente sensorial, das imagens artísticas. (BAKHTIN, 1997, p. 122).

É perceptível que Bakhtin defende uma visão ampla do que seja carnaval e através dela elabora uma teoria da carnavalização, a partir da qual o sério se mistura com o cômico, carnavalizando-se. Bakhtin (1997, p. 107) chama de “literatura carnavalizada aquela que direta ou indiretamente, através de diversos elos mediadores, sofreu influência de diferentes modalidades de folclore carnavalesco (antigo ou medieval)”.

A carnavalização na literatura é vista como festa popular, os valores e costumes do povo são invertidos, o mundo é visto às avessas. Soares (1993, p. 71) destaca: “Como o carnaval, a carnavalização identifica-se pela inversão de valores, pela subversão cultural, por uma atitude de dessacralização, ou seja, pela apresentação do mundo às avessas”. Na literatura carnavalizada o mundo é dessacralizado, ou seja, perde o caráter sagrado. O sério é banalizado, o sagrado é profanado e os valores são invertidos, com o objetivo de despertar o riso e a crítica, ou seja, de gerar o cômico.

Como se sabe o carnaval é um festejo popular que perpetua até os dias de hoje, comemorado em várias partes do mundo. As tradições presentes na Idade Média e no Renascimento foram perdendo suas raízes originais, algumas ainda existem, mas a maioria foi esquecida ou substituída. O carnaval na Idade Moderna possui algumas

características do carnaval antigo, como exemplo, no que se refere à praça pública. Burke esclarece que:

O povo cantava e dançava nas ruas – não que isso fosse incomum nos inícios da Europa moderna, mas sim a excitação, e algumas canções, danças e instrumentos musicais eram especiais, como o *Rommelpot* holandês, uma bexiga de porco esticada sobre uma botija com água pela metade. Quando se enfia uma vara de junco no meio da bexiga e se a move entre o polegar e os outros dedos, o instrumento produz um som que não se difere do emitido por um porco esfaqueado. (BURKE, 1989, p. 207, grifo do autor).

É possível observar que assim como o povo da Idade Média e do Renascimento que saíam as ruas para comemorar o carnaval e faziam seus gracejos como forma de produzir o riso, na Idade Moderna acontecia semelhantemente. O carnaval é uma festa que traduz alegria e diversão para o povo, para eles era uma forma de sair das doutrinas estabelecidas pela ordem social e moral. E na Idade Moderna não era diferente. O carnaval, como registra Burke (1989, p. 210), era: “[...] um feriado, uma brincadeira, um fim em si mesmo, dispensando qualquer explicação ou justificativa. Era uma ocasião de êxtase e liberação”.

São vários aspectos marcam o carnaval da Idade Média e do Renascimento e que se mantiveram na Idade Moderna, como o riso, a imagem grotesca do corpo, o alto e baixo corporal, obras cômicas, vocabulário familiar e grosseiro entre outros. Sobre o vocabulário familiar e grosseiro, Burke discorre:

O carnaval não era apenas uma festa de sexo, mas também uma festa de agressão, destruição, profanação. De fato, talvez seja de se pensar no sexo como o meio-termo entre a comida e a violência. A violência, como o sexo, era mais ou menos sublimada em ritual. Nessa ocasião, a agressão verbal era permitida; os mascarados podiam insultar os indivíduos e criticar as autoridades. Era a hora de denunciar o vizinho como cornudo ou saco de pancada da mulher. (BURKE, 1989, p. 211).

Podemos observar que no período do carnaval da época da Idade Média e do Renascimento as pessoas viviam às vezes e falavam o que queriam. Eles viviam uma liberdade universalizante, naquele momento era possível dizer o que pensava do outro, diferentemente do período depois do carnaval no qual as pessoas viviam segundo normas e regras sociais. Em síntese, o carnaval era o momento propício para as pessoas

descontarem o modo de vida determinado pela ordem social hierárquica e doutrinária durante a maior parte do ano.

O CONTO “DA PAZ”: UMA POÉTICA CARNAVALIZADA

O conto “Da Paz” de Marcelino Freire² compõe um discurso carnavalizado quando o mesmo ironiza a paz, por meio de um personagem que conta a história em primeira pessoa e se recusa a participar de um ato público, em favor da paz, valendo-se de um discurso com marcas da oralidade exteriorizando sua angústia e revolta. O tempo da narrativa é predominantemente psicológico, pois o narrador conta a história a partir de suas memórias. Na realidade, trata-se de uma personagem feminina, mãe, que fala em interlocução com outra voz, confrontando-a. Essa voz expressa, também, outras vozes, inclusive de outras mulheres, do *status quo* sobre o conceito de “paz”.

No conto, a “paz” é criticada, é mostrada de forma sarcástica, irônica, com xingamentos e zombarias e o discurso da personagem mostra o contrário do que realmente representa a paz para outras pessoas. A crítica, o xingamento, tudo está diretamente relacionado ao sentimento de revolta que ele traz dentro de si em relação à paz, devido ao acontecimento da morte do filho. Por outro lado, o texto procura transcrever o sentimento de revolta de várias pessoas que enxergam a paz da forma mostrada no conto. O narrador apresenta uma concepção de realidade que poucos têm coragem de externar, o discurso representa o grito de pessoas que não tem a oportunidade e a coragem de falar o que pensam e o que sentem. A vida é mostrada como ela realmente é não há mascaramento da realidade, é como se fosse a segunda vida do povo que vive em situação de extremo risco e violência. De um lado, a vida tranquila de quem vive longe da favela, e do outro, a realidade nua e crua de quem vive lá e não tem condições de sair. Ou seja, pessoas que vivem numa mesma cidade, mas em ambientes diferentes.

No conto a personagem carnavaliza a realidade e revela uma visão ambivalente:

² Nasceu em Sertânia (PE) em 20 de março de 1967, mas vive em São Paulo desde 1991. É escritor de diversos livros, principalmente de contos, como “Angu de Sangue” (2000), “BaléRalé” (2003), “Rasif: mar que arrebenta” (2008), “Amar é Crime” (2010), “Contos Negreiros” (2005) e o romance *Nossos Ossos* (2013), estes dois últimos vencedores do *Prêmio Jabuti de Literatura* 2006 e 2014, respectivamente. Organiza anualmente em São Paulo a Balada Literária, evento que mistura mesas de debates e lançamentos de livros com festas em bares do bairro Vila Madalena. É um dos escritores mais influentes da chamada Geração 90, suas obras possuem uma linguagem que mesclam discursos de gêneros literários distintos.

há um lado positivo e outro negativo da vida, o belo e o feio, a verdade e a mentira, a confiança e a desconfiança, a realidade e a fantasia, a esperança e o desespero. O aspecto ambivalente das coisas é uma das características da carnavalização. Conforme afirma Bakhtin (2013, p. 19): “E por isso não tem somente um lado destrutivo, negativo, mas também um positivo, regenerador: é ambivalente, ao mesmo tempo negação e afirmação”.

A carnavalização compõe o texto e está expressa, por exemplo, na frase “Paz é coisa de rico” (FREIRE, 2008, p. 25), compondo uma ambivalência, quando é mostrado o lado positivo e outro lado negativo. O positivo mostra a realidade social onde se está inserido, induz o leitor a compreender que o lugar onde se vive não há paz, as favelas. Há uma liberdade universalizante do narrador de mostrar os dois lados da moeda. Sabemos que a paz é universal, e está acessível a todos. Já o lado negativo é mostrado quando a personagem restringe a paz, dizendo que apenas os ricos a possuem. Visto que a paz não é limitada a um seleto grupo, mas ela existe no interior de cada pessoa, é algo subjetivo, ou seja, é construída a partir de sua psiquê e independe se a pessoa seja rica ou pobre; se mora num ambiente tumultuado ou tranquilo. É possível observar que na frase citada o autor ironiza a paz, quando faz referência aos ricos, como também mostra o caráter de liberdade da personagem, quando ele fala o que pensa sobre a paz, pois revela qual é a concepção de “paz” para ele. Vale salientar que a universalidade e a liberdade fazem parte do carnaval, visto que ele é uma festa universal e é nele que as pessoas se veem livres das normas e regras sociais e possuem a liberdade de falar, agir e ser como quiser. Bakhtin (2013, p. 8) diz o seguinte: “o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente [...]”.

No trecho “A paz é uma desgraça. Uma desgraça.” (FREIRE, 2008, p. 25). É possível observar que não há boa concepção relacionada à paz. O lado feio é que a mesma é vista com hostilidade, como algo ruim que só traz tristeza, calamidade, angústia, aflição. A revolta é tanta que não dá para enxergar as coisas boas que a paz proporciona às pessoas. Nesta frase a paz é carnavalizada quando ela é mostrada de forma conotativa, ou seja, em sentido figurado, como algo ruim, destrutível. O lado belo é que no sentido real, a paz transmite calma, harmonia, tranquilidade. Ela sempre traz coisas boas para a vida das pessoas. Ocorre então a inversão de valores estabelecidos pela ordem social e oficial, pois ela é apresentada como algo agressivo, que traz o sofrimento.

Nos fragmentos “A paz fica bonita na televisão. Viu aquela atriz? No trio

elétrico, aquele ator?” (FREIRE, 2008, p. 25). O lado negativo mostrado nestes fragmentos é que na sociedade atual a paz é exibida de maneira camuflada. As pessoas famosas utilizam as mídias para pedir a paz, mas ela está muito longe da realidade dos morros, e só quem vive nestes ambientes sabe o quanto a vida é sofrida. Conviver com a guerra dos traficantes, da polícia, das milícias é muito fácil ir para os movimentos pacificadores quando a realidade vivida condiz com o acontecimento. Dureza é conviver com a verdadeira realidade, aquela sem disfarce. É olhar para os lados e não ver outro caminho a não ser permanecer no meio do fogo cruzado. A personagem carnavaliza a paz no trecho citado quando utiliza a ironia ao falar da paz exibida na televisão e das pessoas famosas que vão pedir paz, pois nos meios de comunicação a paz é mostrada de forma certa, sem transtornos como quando uma cidade, exemplo o Rio de Janeiro, é exibida na mídia, só mostrando o lado tranquilo, os melhores lugares com paisagens exuberantes, porém, o lado tenebroso das favelas, a guerra entre policiais e traficantes e o sofrimento dos civis ficam às escondidas. O lado positivo é a coragem do narrador de falar o que pensa, de mostrar que a realidade social vivida por um grupo não é igual à de outro, ambos morando no mesmo lugar. Enquanto uns estão clamando por sossego, outros estão numa vida tranquila. É possível observar que ocorre a degeneração a partir do momento em que a personagem mostra que a paz perdeu suas características originais e essência, pois o que está sendo exibido está muito longe da realidade dura dos morros. Os famosos não vivem no meio da guerra das favelas e vão pedir paz sem ter pleno conhecimento do sofrimento das pessoas que vivem no meio do tiroteio. A regeneração ocorre a partir da renovação moral quando as pessoas, que são alvos desse sofrimento, decidem lutar em busca de seus ideais. Como afirma Bakhtin (2013, p. 42): “O homem encontra-se consigo mesmo, e o mundo existente é destruído para renascer e renovar-se em seguida”.

Encontramos a carnavalização também no seguinte trecho: “A paz é muito organizada. Muito certinha, tadinha. A paz tem hora marcada. Vem governador participar. E prefeito. E senador. E até jogador. Vou não” (FREIRE, 2008, p. 25). Podemos observar nesse trecho a ambivalência de ideias quando o autor se refere aos movimentos em favor da paz afirmando que ela é muito organizada, tem hora marcada e a presença de pessoas importantes. O lado positivo é a liberdade do discurso do narrador, ele mostra uma nova ideologia do que seja a paz. Esses novos valores estabelecidos são universais, pois atingem a todas as pessoas e fica a critério de cada ser humano aderir a eles ou renega-los. Bakhtin (2013, p. 30) diz o seguinte: “A visão do

mundo carnavalesco, particular, com seu universalismo, suas ousadias, seu caráter utópico e sua orientação para o futuro, [...] continua a fecundar os diversos domínios da vida e da cultura”. O lado negativo é a violência destruindo as pessoas e não precisa de data para acontecer. Esses eventos deveriam ser espontâneos, acontecer naturalmente e com frequência, pois a violência não espera, não marca data, simplesmente acontece. Outro ponto importante mostrado na frase citada é a presença de políticos, são eles que fazem e executam as leis e cruzam os braços diante de tanta impunidade. E quando acontecem atos públicos estão lá para mostrar uma realidade que só existe na cabeça deles e tentam induzir as pessoas a acreditarem que eles fazem alguma coisa para amenizar o sofrimento de tanta gente. No trecho acima a personagem também ironiza a paz quando diz que ela é “muito certinha, tadinha”. A zombaria, ou melhor, a ironia produz o riso, e o narrador discretamente ri da paz, aqui há um discurso de degeneração e regeneração porque faz com que o leitor perceba que na crítica referente à paz está relativizando o discurso sério sobre a paz. Bakhtin (2013, p. 11) diz que: “[...] o riso popular ambivalente expressa uma opinião sobre um mundo em plena evolução no qual estão incluídos os que riem”. A personagem procura demonstrar o oposto do que diz, ele não vê a paz como certinha, a condição social, a vida sofrida, a perda do filho dentre outros fatos, foram acontecimentos que trouxe uma ideia distorcida da paz. A partir de então a paz para ele é algo inatingível.

No excerto “A paz é perda de tempo” (FREIRE, 2008, p. 26) percebemos a carnavalização através da ambivalência quando o lado negativo busca afirmar que as pessoas estão perdendo tempo participando de manifestações em favor da paz, pois enquanto esses movimentos estão acontecendo, em outro local estão seres humanos morrendo e sofrendo. É como se fosse inútil sair em passeata pedindo paz, se só vemos guerra. O lado positivo que podemos observar nesta frase é que a paz não vai penetrar nas pessoas apenas com as passeatas em favor dela. Não adianta movimentos pacificadores se uma pequena parcela da população busca a tranquilidade, enquanto a grande maioria está destruindo uns aos outros por pequenas coisas. Não é algo que vem de fora para dentro, mas de dentro para fora. É preciso que ela exista no coração do ser para que a humanidade encontre essa paz que tanto procura.

No trecho “A paz me deixa doente” (FREIRE, 2008, p. 26) existe a ambivalência de ideias, pois o lado negativo procura afirmar que o estado interior da personagem é de depressão, melancolia e isolamento em virtude dos acontecimentos do espaço onde ele está inserido. Por ele se encontrar em profunda tristeza, o espaço

psicológico é sombrio e fechado, apesar do mesmo viver num ambiente social aberto, ele não vê motivos para sorrir. Percebemos que ocorre a morte interior da personagem, ele se retrai nos seus pensamentos, na sua revolta, na sua raiva, a vida perdeu o sentido e significado. Bakhtin (2013, p. 17) diz que: “O princípio material e corporal é percebido como universal e popular, e como tal opõe-se [...] a todo isolamento e confinamento em si mesmo [...]”. O lado positivo é quando a personagem por meio deste isolamento reflete sobre os fatos ocorridos em sua vida e no meio social em que vive. Ou seja, ele se retrai, morre interiormente, mas renasce a partir do momento quando diz a verdade sobre a realidade em que vive, quando ele externa a todos o que a paz representa para ele. É um grito de liberdade sobre todas as regras e preceitos que foram determinados pela sociedade sobre o que é a paz. Ele produz para si novos valores do que é a paz.

Nos períodos “A paz nunca vem aqui no pedaço. Reparou? Fica lá. Está vendo?” (FREIRE, 2008, p. 26), o lado negativo é quando o narrador fala que no morro e favelas não existe paz, nesses lugares ela é uma utopia, uma mentira, que ela só fica na avenida, ou seja, nos lugares nobres frequentados pelos mais abastados, pois só eles possuem paz por ter bens e dinheiro. Não há esperança para as pessoas que vivem nos morros, o que elas veem constantemente é violência, tiroteio, morte apenas coisas ruins. Se no morro os acontecimentos são sempre coisas ruins, ninguém vai ter esperança de um dia a paz chegar lá, “no pedaço”. O lado positivo é que a partir da revolta o ser toma a iniciativa de lutar por seus direitos, de não se calar diante dos absurdos que ocorrem nos lugares mais pobres. É ter a coragem de falar o que pensa para mostrar aos outros que a vida na favela é diferente da vida que foi determinada para toda a sociedade, a paz não é igualitária. O narrador usa expressões características do local vivido, ou seja, ele usa um vocabulário familiar, comum para todos. Com certeza, todos daquela comunidade utilizam a mesma linguagem. Exemplo disto é quando ele fala na palavra “pedaço”, só as pessoas que vivem nas favelas ou lugares de extremo isolamento social é quem pronuncia esse vocábulo. Bakhtin (2013, p. 15) diz o seguinte: “A linguagem familiar converteu-se, de uma certa forma, em um reservatório onde se acumularam as expressões verbais proibidas e eliminadas da comunicação oficial”.

Nos trechos “A paz é muito chata. A paz é uma bosta. Não fede nem cheira” (FREIRE, 2008, p. 26), percebemos a ambivalência ou o alto e o baixo corporal. O lado negativo que é manifestado pelo baixo corporal mostra a degradação da palavra “paz”, quando o narrador a chama de “bosta”, que é o excremento de animais ou coisa desprezível, levando o leitor a compreender que a paz não é nada, é algo supérfluo. Bem

como o narrador utiliza o vocabulário familiar e grosseiro, típico dos carnavais das praças públicas, característica da teoria da carnavalização. Bakhtin (2013, p. 15) diz: “A linguagem familiar da praça pública caracteriza-se pelo uso frequente de grosserias, ou seja, de expressões e palavras injuriosas, [...] Portanto, pode-se afirmar que as grosserias são um gênero verbal particular da linguagem familiar”. Na frase, também é interessante observar que o narrador diz que a paz “não fede nem cheira”, afirmando ainda mais a degradação da palavra. Ou seja, para o narrador a paz é algo sem valor e importância, e essa ideia é contrária à concepção de paz imposta pela ordem social. O lado positivo ou alto corporal dá-se quando o narrador propõe um novo nascimento para a paz, é quando ele impõe sua opinião contrariando a ideia que toda a sociedade tem sobre a paz. Ele diz o que acha, sem se importar com a opinião dos outros, pois ela é contrária à de todos, tendo em vista que a maioria da população acredita e vê o lado bonito da paz. Bakhtin (2013, p. 19) diz que: “A degradação cava o túmulo corporal para dar lugar a um novo nascimento”.

Nos fragmentos “A paz é muito falsa. A paz é uma senhora. Que nunca olhou na minha cara. Sabe a madame?” (FREIRE, 2008, p. 26), ocorre a ambivalência de ideias quando o lado positivo e o negativo predominam. O lado negativo é perceptível quando a paz é criticada, é chamada de falsa, pois nas avenidas ela é exposta na sua forma natural, boa, calma, tranquila. Mas, o narrador tem outra visão do que ela é a partir do momento que o filho morreu e do sofrimento, pois toda a beleza que existia foi perdida e virou revolta. O que antes era considerado como verdade, transformou-se em mentira em decorrência de sua perda. Outro ponto importante que percebemos no fragmento é o do preconceito de classe social, pois o rico não se mistura com o pobre. O rico fica nas avenidas e os pobres nos morros o que vai contra um dos princípios da carnavalização, retomando Bakhtin:

[...] todos eram iguais e onde reinava uma forma especial de contato livre e familiar entre indivíduos normalmente separados na vida cotidiana pelas barreiras intransponíveis da sua condição, sua fortuna, seu emprego, idade e situação familiar. (BAKHTIN, 2013, p. 9).

A partir do momento em que ocorre o preconceito, é a ordem social imposta pelo estado que prevalece. Bakhtin (2013, p. 9) também observa: “Nas festas oficiais, com efeito, as distinções hierárquicas destacavam-se intencionalmente, [...] Essa festa tinha por finalidade a consagração da desigualdade, [...]”. O lado positivo percebido nesta

frase é quando o narrador mostra a verdadeira realidade que existe nos dias de hoje. Realmente os ricos vivem em ambientes tranquilos, em bairros onde prevalece o sossego, já os discriminados socialmente vivem em meio ao barulho dos tiros. O afeto, a harmonia, o amor fraternal entre os seres humanos estão sendo deixados de lado. Em sua essência, a paz é benevolente e boa, ela está acessível a todos, e isto independe de classes sociais, muito menos do ambiente que se vive. A paz é algo subjetivo, pessoal, abstrato, não depende do mundo exterior.

Nas frases “A paz é muito branca. A paz é pálida. A paz precisa de sangue” (FREIRE, 2008, p. 26) encontramos a estética da carnavalização quando percebemos a ambivalência, ou seja, um lado degenerador e outro regenerador. O lado degenerador é mostrado quando a personagem define que a paz perdeu sua cor, sua essência e seu significado. A palavra “branca” e “pálida” define com clareza essas perdas, porque essas palavras representam a morte, é como se a paz tivesse acabado, entrado em destruição absoluta e para que haja paz é necessário que ocorram mortes, e dessa forma ela ganha espaço e visibilidade entre as pessoas. O lado regenerador é que, com a morte, surge uma nova vida. A paz ganha nova visibilidade quando é colocada a cor vermelha, pois essa cor dá destaque e vida. A personagem afirma que as pessoas só se preocupam em fazer movimentos em nome da paz quando a violência está muito forte atingindo todas as esferas da sociedade. Bakhtin (2013, p. 19) diz que: “[...] quando se degrada, amortalha-se e semeia-se simultaneamente, mata-se e dá-se a vida em seguida, mais e melhor”.

No fragmento “Nem que a paz venha aqui bater na minha porta” (FREIRE, 2008, p. 26) é perceptível que existe um lado positivo e outro negativo. O lado negativo é visto quando o narrador se recusa a receber a paz, quando o mesmo afirma que não quer a paz em sua casa e mesmo se ela bater em sua porta, ele não deixa entrar, ocorrendo à rejeição. Isso é reflexo da vida sofrida e das decepções, o que leva o narrador a não enxergar com bondade a paz. O lado positivo ocorre a partir do momento em que o narrador utiliza a lei da liberdade, instituída por Bakhtin. Segundo o teórico (2013, p. 6): “[...] o carnaval não tem nenhuma fronteira espacial. Durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é, as leis da liberdade”, porque ninguém é obrigado a receber em sua porta alguma coisa que não deseja. O narrador mostra essa liberdade universalizada quando ele não admite o conceito de “paz”, estabelecida pela sociedade. O narrador não aceita participar dos movimentos a favor da paz, ele não vai clamar por paz se no ambiente social que ele vive só há violência, a paz

é algo que está muito longe de sua verdade. Quando ocorre o repúdio, ocorre também à exposição de sua opinião, ele deixa bem claro para todos que aquelas passeatas são mera ilusão, a realidade presenciada todos os dias não está de acordo com os movimentos pacificadores.

Nos trechos “A paz está proibida. Proibida. A paz só aparece nessas horas. Em que a guerra é transferida” (FREIRE, 2008, p. 26) percebe-se a ambivalência de ideias. O lado negativo é mostrado quando a personagem afirma que as pessoas só se organizam em passeatas pedindo paz, quando a violência desce do morro e chega à avenida. Quando acontece alguma barbaridade com os ricos. Nessas horas a população é convocada, inclusive os pobres que moram nas periferias, nas favelas, e que sofrem constantemente com essas violências. Eles são lembrados, “unindo-se” aos ricos e expondo sua dor e revolta na avenida. É uma forma de aumentar a quantidade de pessoas nessas passeatas e mostrar que todos estão unidos com um único objetivo. O lado positivo é visto quando a personagem toma a iniciativa e mostra a sua revolta. Nesse trecho a personagem expõe sua indignação, pois o povo do morro só é lembrado quando é para trazer algum benefício para os ricos, pois, quanto mais gente participa dos movimentos, mais vai chamar a atenção das mídias, e quem sai beneficiado são aqueles que moram nas avenidas porque só será exposto o fato brutal que aconteceu com eles. Por outro lado, quantas crueldades acontecem nos morros e favelas e não aparece ninguém promovendo nenhum movimento pedindo a paz para os morros?

No excerto “Eu é que não vou acompanhar andor de ninguém” (FREIRE, 2008, p. 27) ocorre a ambivalência sendo o lado negativo visto quando a personagem diz que não vai participar desses movimentos sociais nos quais eles têm que carregar aquelas faixas com fotos, mensagens, exibindo sua dor e implorando pela paz. Nesses acontecimentos a dor de quem os promoveu é mostrada com maior destaque. As pessoas anônimas que participam, carregando dentro de si a mesma dor, não é nem vista pelos outros, é apenas mais um em meio a grande multidão. Muitas vezes a maioria das pessoas que participam dos movimentos não tem nem o direito de falar sobre sua dor, seguem em meio à multidão apenas para fazer volume. O lado positivo encontrado na frase é a liberdade da personagem de se recusar a participar da passeata. É uma forma de ir contra as normas e regras estabelecidas pela sociedade, pois, para muitas pessoas que carregam a mesma dor da personagem esses movimentos são gritos por socorro. Para ele, é uma forma de mostrar toda a sua indignação, a partir do momento em que recusa a sua participação. É a forma de dizer para o mundo que a sua dor é apenas mais

uma e que aquele passeio vai beneficiar apenas a quem mora na avenida.

No fragmento “Sabe de uma coisa: eles que se lasquem” (FREIRE, 2008, p. 27) é possível observar que há a degeneração e a regeneração. A degeneração é mostrada quando o narrador utiliza uma linguagem grosseira para se referir as pessoas dos movimentos e a maneira como o narrador fala é como existisse plena familiaridade com aquelas pessoas. Ele não procura palavras bonitas para direcionar seu discurso para elas, mais sim palavras injuriosas. O modo grosseiro e familiar como o narrador se expressa é uma das características da carnavalização. Bakhtin (2013, p. 133) diz: “[...] Discursos especiais ressoavam na praça pública: a linguagem *familiar*, que formava quase uma língua especial, inutilizável em outro lugar, nitidamente diferenciada da usada pela igreja, pela corte, tribunais, instituições públicas [...]”. A maneira como a palavra “lasquem” foi proferida é uma forma de depravação de ordem moral e social. Nessa frase fica claro que aquelas pessoas que estão em caminhada clamando pela paz são insignificantes para o narrador, ele não dar nenhuma importância para o que está acontecendo “lá em baixo”. O lado regenerador é quando o narrador tem a ousadia de falar o que pensa sobre as pessoas que estão em passeata, é a liberdade que ele tem de falar que é perda de tempo está no meio da multidão pedindo paz.

Na frase “A paz parece que está rindo de mim” (FREIRE, 2008, p. 27) o lado negativo é a imagem grotesca criada pelo narrador para afirmar que a paz ri dele, pois ela, não tem boca e não ri de ninguém. Em decorrência das perdas, do sofrimento e, da revolta o narrador produziu uma imagem negativa da paz, chegando a afirmar que a mesma ri dele. Conforme Bakhtin (2013, p. 21) “A imagem grotesca caracteriza um fenômeno em estado de transformação, de metamorfose ainda incompleta, no estágio da morte e do nascimento, do crescimento e da evolução”. O lado positivo presente na frase, portanto, é que a personagem retrata a vida de milhares de pessoas que vivem nas favelas, muitas delas clamando por paz e justiça, procurando ser ouvidas pela maioria da sociedade. É como se elas já tivessem feito tudo, mas a sua voz não tivesse sido ouvida.

Em “Eu é que não vou levar a foto do menino para ficar exibindo lá embaixo” (FREIRE, 2008, p. 27), por sua vez, o lado negativo se manifesta tendo em vista que a personagem se nega a expor a foto do filho na avenida, pois, cada vez que a personagem se lembra do filho sua angústia e tristeza voltam à sua mente e só causam abatimento e revolta. A negação da personagem gera a indignação de ver a inutilidade daqueles movimentos. O lado positivo exposto é que a personagem mostra que é inútil sair pelas

ruas pedindo paz se cada vez mais a violência está arruinando a vida de milhares de pessoas inocentes. Mostra que é desnecessário exhibir a sua dor nas ruas se ninguém faz nada, se muitas vezes os órgãos responsáveis por proteger a sociedade estão envolvidos em muitos massacres.

Finalizando, em “Mas a paz é que é culpada. A paz é que não deixa” (FREIRE, 2008, p. 28), vê-se o lado negativo na vontade da personagem em sair pelas ruas fazendo desordem, como forma de vingança pela morte do filho e da impunidade presente no país. Ele tem desejo de fazer inúmeras crueldades, mas não faz e culpa a paz por isso. O lado positivo presente na frase é o respeito que a paz ainda impõe a personagem. Mesmo tendo o desejo de fazer o que é ruim, a personagem se reprimiu como forma de respeito pela paz, ainda que tenha revelado sua percepção do mal ligada à paz, no seu interior ele acredita nas bondades dela advindas. Por isso, há essa obediência da personagem em relação a ela que, com todas as suas falhas, ainda impõe respeito sobre a vida de muita gente.

Percebemos que o narrador degrada a paz quando utiliza palavrões para se referir a ela. Marcelino Freire dá vida e personifica a Paz como uma entidade que implica a discussão de muitos fatores sociais, políticos e religiosos, isto é, em nome da paz, da fome ou da guerra, por exemplo, muitos discursos são utilizados para justificar ações humanas de autopromoção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é fruto de um estudo de caráter qualitativo e analítico, tendo como base a teoria da carnavalização. A pesquisa sobre os aspectos da estética carnalizada, a partir da própria cultura popular, é importante para compreendermos características da nossa literatura e cultura. A pesquisa se baseou na hipótese de que é possível verificar a carnavalização no conto “Da Paz”, de Marcelino Freire por meio dos elementos carnalizados, postulados por Bakhtin (2013), que afirma que a cultura cômica popular é dividida em três categorias. Essas categorias possuem elementos que estão presentes em diversos textos que utilizam a estética carnalizada.

No conto “Da Paz”, encontramos duas, das três categorias postuladas por Bakhtin. Na primeira categoria são citados os ritos e espetáculos, incluídas as comemorações carnavalescas presentes na praça pública. No conto analisado podemos encontrar como elemento da primeira categoria a passeata em favor da paz, que é um

ato público com a presença de inúmeras pessoas. A segunda categoria citada por Bakhtin é das paródias orais e escritas, isso ocorre conto estudado, pois, a narrativa como um todo inverte, parodia o próprio conceito de paz. A terceira categoria está presente no vocabulário grosseiro e familiar apresentado ao longo da narrativa. No conto também encontramos muitas características dessa categoria quando o narrador afirma que a paz é uma “desgraça,” “chata”, “bosta”, “falsa” e quando utiliza a expressão “eles que se lasquem” para se referir as pessoas que fazem parte das passeatas, são alguns exemplos.

Por meio deste artigo podemos conhecer um pouco mais sobre a teoria da carnavalização, ou melhor, sobre os elementos da estética carnavalizada presentes no conto “Da Paz”, do livro *Rasif: mar que arrebenta*, de Marcelino Freire.

Constata-se um discurso carnavalizado, paródico, grotesco, grosseiro e familiar, no qual é possível encontrar os elementos da teoria da carnavalização. Dessa forma, ocorre à carnavalização por meio da ambivalência de ideias relacionadas ao modo como a paz é mostrada para o leitor. No entanto, identificamos que o lado negativo e degenerador é ao mesmo tempo regenerador e bonito, proporcionando na estética do conto a liberdade universalizante, pois é possível ao mesmo tempo ver numa mesma frase elementos positivos e negativos relacionados à paz e à ordem oficial.

Portanto, através dessa análise percebemos que o conto “Da Paz” é bastante rico em elementos carnavalizados, possuindo características da primeira e terceira categoria da cultura cômica popular. Este conto está repleto de ambivalências, de linguagem familiar e grosseira, de ironia e riso. No entanto, para que o leitor identifique tais características é necessária uma leitura sutil para que seja observado o que está subentendido no texto, isto é, o aspecto de relativização das coisas sérias, a degeneração e regeneração da ordem social.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BURKE, Peter. **A Cultura Popular na Idade Moderna**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DISCINI, Norma. A Carnavalização. In. BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 53-93.

FIORIN, José Luiz. Carnavalização. In. FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006, p. 89-114.

FREIRE, Marcelino. **Rasif: mar que arrebenta**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. São Paulo: Ática, 1993.

Recebido em: 12/03/2022

Aprovado em: 23/04/2022

Publicado em: 28/04/2022